

## **CARTAS: UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO.**

*CARTAS: UNA PRÁCTICA INTERDISCIPLINAR DE ENSEÑANZA.*

**Ronaldo Luís Campello**

Mestre em Educação Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense  
– IFSUL, Pelotas, RS.  
ronaldo.campello@hotmail.com

**Cynthia Farina**

Dr.<sup>a</sup> em Educação, coordenadora do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (Experimenta); professora do Programa em Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSUL, Pelotas RS.  
cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

### **RESUMO**

Este texto traz a discussão uma investigação realizada no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL campus Pelotas, RS nos anos de 2015-16, a pesquisa se assume a partir de observações realizadas com o grupo de estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma Escola Técnica Estadual no bairro Fragata, nesta cidade, onde a criação manuscrita de textos epistolares surge como uma prática interdisciplinar potente de ensino, com a intenção de amenizar as dificuldades de aprendizagem deste grupo de estudantes. Ao passo que as atividades se desenvolviam se percebeu a necessidade de pensar as condições funcionais de tal prática, e ir além. Além de somente pensar tal atividade como redentora de dificuldades de aprendizagem, mas como processo de formação mais amplo anunciando um diálogo que perpassa a escrita de si no contexto de um processo de formação, compreendendo a escrita como uma prática capaz de reinvenção de modos de pensar e ser, a qual nos faz refletir sobre os encontros que nos atravessam em procedimentos de formarmos, discentes e docentes. O método de pesquisa apresentado é o cartográfico. A cartografia cria oscilações próprias, descaminhos que surgem conforme as pistas dos trajetos vão se desvelando no tecer, tramar conceitualmente uma discussão unindo a experiência a problematização.

**Palavras-chave:** Formação. Cartas epistolares. Experiência. Cartografia. Escrita.

### **RESUMEN**

Este texto tras la discusión una investigación realizada en el Máster Profesional en Educación y Tecnología - MPET del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología Sul-Rio-Grandense - IFSUL campus Pelotas, RS en los años 2015-16, la investigación se asume a partir De observaciones realizadas con el grupo de estudiantes del quinto año de la enseñanza fundamental de una Escuela Técnica Estadual en el barrio Fragata, en esta ciudad, donde la creación manuscrita de textos epistolares surge como una práctica interdisciplinaria potente de enseñanza, con la intención de amenizar las dificultades de Aprendizaje de este grupo de estudiantes. Mientras las actividades se desarrollaban se percibió la necesidad de pensar las condiciones funcionales de tal práctica, e ir más allá. Además de sólo pensar tal actividad como redentora de dificultades de aprendizaje, sino como proceso de formación más amplio anunciando un diálogo que atraviesa la escritura de sí en el contexto de un proceso de formación, comprendiendo la escritura como una práctica capaz de reinvencción de modos de pensar Y ser, la cual nos hace reflexionar sobre los encuentros que nos atraviesen en procedimientos de formar, discentes y docentes. El método de búsqueda presentado es el cartográfico. La cartografía crea oscilaciones propias, descaminos que surgen según las pistas de los trayectos van desvelándose en el tejer, tramar conceitualmente una discusión uniendo la experiencia a la problematización.

**Palabras clave:** Formación. Cartas epistolares. Experiencia. Cartografía. Escritura.

## Introdução

*[...] como um guardião cego que lê com os olhos da alma, as narrativas compostas na solidão das ideias. Um guardião cego que carrega consigo um claviculário que encerra signos, símbolos e sonhos...*

Este texto é um recorte da pesquisa de mestrado nomeada ‘Cartas para ler e escrever: Cartografando uma prática de ensino’, realizada no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL campus Pelotas – RS, Brasil, nos anos de 2015 e 2016. Situando o leitor faço uma narrativa sobre uma prática de ensino na qual desenvolvo como projeto; que começa como extensão no ano de 2014 e avança para uma pesquisa em 2015/16. Este texto é um instrumento de composição escrita, a partir de experiências de formação: encontro da troca de escritos epistolares, e, como esta prática de escrita permeou processos, o dos estudantes e do docente.

A atividade de ensino começada no ano de 2014, desencadeada por um agenciamento de experiências e um acontecimento de sala de aula, tornada projeto de extensão no mesmo ano, chamada de: “As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital. Uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem”, ganha força em 2015 enquanto pesquisa, e toma outro nome ao ser pensada/investigada no MPET – IFSUL campus Pelotas; “Cartas para ler e escrever: Cartografando uma prática de ensino”; e, a partir de minha docência em uma Escola Técnica Estadual no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS, ganha vida, corpo e formas. Ele cartografa a troca de cartas entre estudantes, a partir de práticas interdisciplinares de escrita e leitura desenvolvidas com um grupo de alunos de um quinto ano do ensino fundamental da referida escola. O material cartografado é a correspondência trocada com outros estudantes também de um quinto ano de uma escola rural no interior do município de Piratini – RS, que ocorreu ao longo de 2015. E os processos de subjetivação que ocorreram com este professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador.

O referido projeto verga-se sobre uma prática de escrita muito antiga, que nos dias atuais é percebida com saudosismo, pouco experimentada nesta geração das janelas, das imagens rápidas e cliques alucinados. Uma prática, uma escrita que sai do recôndito particular e privado. Uma escrita silenciosa onde cada um imprime seus gestos, suas marcas, e pode chegar a uma escrita de si que deixa prenhe o papel, o envelope, o ambiente, com sua caligrafia, com o ar de seus pulmões, com os pensamentos que lhe cercam que se esquivam

pelos traços já demarcados da folha que demarcam espaços, por entre verbos, conjunções e linhas, fronteiras que se rompem e que são atravessadas, rasgadas, postas de lado, de distintas formas e modos e jeitos de se fazer, a partir da proposta de um escrita que fala de si...

A partir de observações realizadas com o grupo de estudantes do quinto ano do ensino fundamental da referida escola Estadual de Pelotas - RS, e após um acontecimento em sala de aula, a criação manuscrita de textos epistolares surge como uma prática potente de ensino, com a intenção de amenizar as dificuldades de aprendizagem deste grupo de estudantes. Ao passo que as atividades se desenvolviam como projeto de extensão, e após, de pesquisa (o que busco explicar na sequência), se percebeu a necessidade de pensar as condições funcionais de tal prática, e ir além. Além de simplesmente pensar tal atividade como redentora de dificuldades de aprendizagem, mas como processo de formação mais amplo.

Ainda, busca-se neste texto trazer à discussão um diálogo que perpassa a escrita de si no contexto de um processo de formação, compreendendo a escrita como uma prática capaz de reinvenção de modos de pensar e ser, a qual nos faz refletir sobre os encontros que nos atravessam em procedimentos de formarmos. Ao outro se escreve com o desejo de se dizer, encontrar-se através. A partir da escrita, escreve-se para si, “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 131). Ao escrevermos lemos e ao lermos nos constituirmos aos poucos. Desta forma, observarmos o que se passa; o que nos passa, “los gestos donde asumimos y soportamos lo que nos pasa – el acontecimiento – y es en ellos donde acontece una experiencia no meramente prescritiva o normativa de la formación” (BÁRCENA 2012, p. 67). Escrevemos-lemos-*re*escrevemos num exercício, como forma de atividade. E quando o fazemos, estamos em outro território, um território fértil transformador, que possibilita pensar-se a partir de acontecimentos, de encontros que nos exigem formas de expressão. O encontro em Deleuze dispara uma força criativa.

A escrita surge, aqui, como instrumento de formação, “não é aprender algo, a questão não é que, a princípio, não sabíamos algo e, no final, já o sabíamos”, (LARROSA, 2015, p. 52), mas sim, a formação de algo que incorpora um aprendizado. É o novo que se apresenta e é posto nas linhas abissais do papel, buscando pensar a escrita como um meio/forma de expressão libertadora que nos possibilita romper linhas impostas. “A escrita transforma a

coisa vista ou ouvida” (FOUCAULT, 1992, p. 134), dá sentidos ao que queremos nominar, e, a este nominar, temos a oportunidade de produzir um exercício de auto-experimentação.

### **Cartografia como proposta investigativa**

Ao fundamentar as atividades do projeto realizado na referida escola, a partir do ponto de vista de uma pesquisa qualitativa, a qual visa focar as peculiaridades e especificidades dos grupos sociais envolvidos, e tem a finalidade de apreender os fenômenos que com este grupo ocorrem, bem como de conhecer de forma mais substancial suas vivências e as formas como se representam, e também como se interpretam em suas práticas, alia-se a tal metodologia o método cartográfico que se aproxima de algumas investigações qualitativas, e, por conseguinte se distancia de outras. Segundo César et al (2013, p. 358) isso ocorre quando, “nessas investigações, privilegia-se o estudo dos fenômenos (valores, crenças, opiniões, hábitos) separados de sua dimensão processual de produção”. O processo de aproximação se dá na harmonia do compartilhamento e da produção das inquietações e das hipóteses que surgem e se insinuam na metodologia de pesquisa adotada.

Seguindo caminhos cartográficos de pesquisa, Rolnik, nos orienta que o cartógrafo “[...] leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente”, (ROLNIK, 1989, p. 69). Assim, como critério de ação busco criar rachaduras no domo não transparente que cobre, tal como sudário, nossas faces quando tratamos de educação, quando tratamos de criar fendas que possibilitem gerar experiências com aqueles com os quais compartilhamos as nossas; experiências que gerem sentido e movam ao menos um pouco o olhar para situações novas.

Como princípio tenho o de que tudo pode ser questionado, e que há sempre a possibilidade de se experienciar de inúmeros modos o que nos instiga/afeta; e como regra, a de que sempre há algo novo a se olhar na paisagem que se mostra, mesmo que seja a que observamos cotidianamente, e que este olhar, implica uma entrega nova, que não pode ocorrer pela metade, construindo, desta forma, um roteiro de preocupações. Isto posto, utilizamos a cartografia como método de pesquisa, pois, ela visa acompanhar um processo de investigação, sem a necessidade de supor de antemão as hipóteses de trabalho, Deleuze e Guattari (1995).

Ela, a cartografia cria oscilações próprias, descaminhos/sendas que surgem conforme as pistas dos trajetos vão se desvelando. Não há regras rígidas que precisam ser seguidas, mas

critérios é um deslocar-se por entre... é o estar aberto, à espreita, como diz Deleuze (1995) do que é/pode ser pegada/pista a ser seguida, é estar em vigília com olhar sensível ao que pode produzir indícios, é tecer conceitualmente uma discussão unindo a experiência “comum de problematizar a relação entre pesquisar e habitar um território existencial” (PASSOS *et al* 2015, p. 132). Neste sentido, a escrita epistolar, “a carta pode constituir-se em material privilegiado, talvez menos como comprovação, talvez mais como indício, como pista que instiga outras descobertas, a outros entrecruzamentos, a outras decifrações”, Camargo (2011, p. 30). Por tal motivo, este texto busca criar-se, mover-se, a partir do encontro da escrita de docentes e discentes de lugares distintos, mas que compartilham na experiência epistolar um processo de experimentação único, um encontro, acontecimento, uma formação na qual suas práticas irão trazer sentido, à docência, ao mesmo tempo que retira o chão sob seus pés...

O método cartográfico segundo César *et al* (2013, p. 359) “não se define por suas metas traçadas anteriormente, tampouco se delimita a partir desta ou daquela ferramenta de pesquisa, embora o pesquisador não parta do ponto zero, mas se constrói a partir de um patrimônio, de uma história, de outras experiências”. Segundo Ferigato, *et al* (2011, p. 665), a “investigação qualitativa é, portanto, uma atividade que se afirma a partir do contexto situacional, da localização e implicação do observador em relação ao objeto e seu entorno”.

Por crer que a proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, aquilo que se esparrama por entre os territórios cartografados tal como grama, tal como os fazeres que ocorrem por ‘entre’, e não o que ocorre como conclusão, a resposta final não é o que me instiga, mas sim o que me levou a chegar a ela. Aliado a prática de escrita de cartas pessoais que permite/possibilita trabalhar de um modo, onde o que interessa são os movimentos de construção das atividades escritas, posteriores leituras, das discussões, dos fatos de sua vida, seus apontamentos, seus conhecimentos permitindo desta forma, que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, dando voz à suas palavras. A escrita autobiográfica aliada ao método cartográfico de pesquisa provoca a construção de um olhar, uma narrativa sobre suas vidas.

Filho *et al* (2013) diz que a cartografia:

Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência (Filho *et al*, 2013) p.46).

A opção de escolher a referida turma e escola se dá pelo fato de ali ser o ambiente onde as inquietações deste docente que perscruta sua professoralidade são maiores. Neste local me pus (ponho) em xeque em relação a meu exercício docente, minhas práticas, meu modo de pensar educação. Portanto, penso sobre formação quando me ponho a escrever sobre tal processo e os atravessamentos que foram produzidos em mim a partir da execução desta prática que tomo como ensino, escrita de cartas.

A cartografia, método de pesquisa proposto por Deleuze e Guattari se faz de rastros, movimentos, amplitudes e alterações, encontros, que mostram as lutas que ocorrem e me põem a pensar, que surgem e se intensificaram no decorrer da escrita. Um movimentar-se, ou estar em movimento, a partir do pensar cotidiano e seus modos de se produzir no/com/ele. O cotidiano em jogo na docência, à docência como jogo do cotidiano. “E se nos pusermos a pensar em educar como um cão que cava seu buraco, um rato que faz sua toca? No deserto de nossas escolas, na solidão sem fim, – mas superpovoada – de nossas salas de aula não seremos, cada um de nós, cães e ratos cavando nossos buracos? ” (GALLO, 2002, p.169). E se produzirmos aqui, e desta forma, um modo de ‘militância’, de resistência ao modo dominante de lecionar? E se não se trata apenas de escavar o presente com uma mera proposta de escrita e leitura?

Desta forma abri caminhos novos, tocas por onde me esgueiro em minhas práticas professorais, em minha pesquisa, e, em meus modos de ser. Trilhar estes caminhos produz tombos provenientes dos deslizos, assim como dos saltos derivados dos encontros, conversas. Aprendizagens. O olhar tão acostumado à mesma paisagem docente agora a observa com outros olhos e dá um novo sentido ao que vê, pois constitui outro território perceptivo, a partir desta escrita-pesquisa que ainda se faz. Escrever é um esforço colossal, mas é preciso singrar os céus, sentar na vassoura da bruxa e perseguir o vento, pois penso sobre formação quando escrevo sobre tal processo, sobre os encontros e os atravessamentos produzidos em mim, a partir da execução da escrita de cartas, por exemplo.

Pensando com Larrosa (2015, p. 52) sobre o processo de formação, “é justamente uma viagem não planejada e não traçada antecipadamente, uma viagem aberta em que pode acontecer qualquer coisa, e na qual não se sabe onde se vai chegar”. A formação aqui é pensada como viagem, ou “viagem de formação” (idem) em que se pretende um olhar para si através da palavra, através da escrita, da escrita epistolar que nos faz experimentar o mundo que nos cerca, apresentando paisagens novas a cada nova carta que chega ou vai, “assim, a

viagem exterior se enlaça com a viagem interior, com a própria formação da consciência, da sensibilidade e do caráter do viajante” (LARROSA, 2015, p. 53), produzindo um diálogo que perpassa o contexto de um processo de formação, compreendendo a escrita como uma prática capaz de reinvenção de modos de pensar e ser, a qual nos faz ponderar sobre os encontros que nos atravessam em procedimentos de formação. Ao outro se escreve com o desejo de se dizer, encontrar-se através dele.

Assim como quando o pássaro que alça voo e toma distância e observa, e/ou como quando pousa em distinta a paisagem carece ser ou agir o professor-pesquisador que *repen*sua suas práticas. Carece tomar distância e pousar os olhos sobre seus modos de ser, sobre seu corpo didático, corpo estudantil, sua professoralidade, e olhar de outro lugar suas práticas cotidianas, seu fazer pedagógico. Seu corpo-campo de pesquisa é a sala de aula, seus estudantes, a si mesmo, territórios férteis por onde se promovem agenciamentos diários. É no encontro do rio com a roda d’água, com suas aletas de madeira, que faz a mó girar e o moinho produzir, transformar o grão em farinha, é no encontro do desejo com a escrita, e da escrita com a expressão, que a palavra se faz. Flanar-cartografar sua experiência, só isso já é muito. Agenciamentos formam territórios, “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 323). Mas ele reconstrói-se novamente, desta vez em algo novo, que produz o novo, o ainda não experienciado, que pode desencadear novas linhas de fuga. É observar com olhar aguçado, perceber o mínimo que não se mostra, é entregar-se a paisagem e compor com ela, desconstruir e fazer-se nela.

Estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem. (Deleuze e Guattari, 1996, p.72).

Enquanto músico, fins da década de ‘90, me dedico à escrita com vigor e potência, a escrita de cartas pessoais é um encontro gerador de potências criativas. Tal ação se sustentou quase que diariamente por mais de cinco anos. O que se iniciou para divulgar um trabalho artístico-musical tomou outro corpo, outra forma, descobria-me na escrita, minha e de outros. Escrevia ao outro, mas antes a mim. “A correspondência é também um exercício pessoal, ao escrever lemos o que escrevemos, [...] é uma maneira de se manifestar para si e para o outro”, (ORRÚ & ANDRADE, 2009, p. 04). Alguém um dia disse que a escrita é uma fala de si. Um

abrir-se. Que é fácil falar/escrever de coisas de seu dia a dia, e isso se intensifica na escrita de cartas pessoais; “a correspondência é um texto por definição destinado ao outro que ajuda o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando destinatário e remetente a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em seus cotidianos” (IONTA, 2011, p. 84).

Esse aperfeiçoamento tem menos a ver com uma progressão, que com perfazimentos e desprendimentos de si. De nada serve escrever se está escrita não fortalece a *desconstrução* para uma nova construção, de nada serve se ela não desterritorializa. “Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro” (HAESBAERT et al, 2015, p. 09). Há de existir uma escrita que se afete por aquilo que nos passa, por aquilo que a própria escrita proporciona. A desterritorialização a partir do pensamento cartográfico consiste, segundo Ianni (1996, p. 169) em “[...] o sujeito do conhecimento não permanecer no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários”. É necessário um novo observar, um olhar forasteiro sobre o objeto observado, mesmo que isso não seja fácil de produzir, mesmo que o objeto sejamos nós.

### **Uma escrita permeada pela tecnologia...**

“Modesto Máximo gostava de palavras. Gostava de histórias. Gostava de livros. Sua vida era um livro escrito por ele mesmo, uma página organizada depois da outra. Ele o abria a cada manhã e escrevia as suas alegrias e tristezas, tudo o que conhecia e todas as suas esperanças.” (William Joyce)

Estamos imersos em uma sociedade conectada, globalizada, mais intensidade desde o início do século XXI, fins da década de ‘90, onde surge uma maior inserção e propagação do uso dos meios de comunicação, dos quais, gradativamente passamos a utilizar. Aos poucos, fomos imergindo neste novo modelo de interação, procurando sempre algo mais, sem saber ao certo o que estávamos fazendo...

O homem como ser social sempre soube se adequar a evolução, que vai ditando os costumes, as modas, as regras que são sempre novas a todo instante. Perseguimos o vento com nossas de ilusão... Hoje, a partir dos incrementos dos meios de comunicação abusamos demasiadamente, do uso das tecnologias, e principalmente dos recursos de interação on-line, essencial ao nosso dia a dia. Parece impossível pensar em alguém que não tenha telefone

celular, *e-mail*, *facebook*, *whatsapp*, *MSN* ou outro tipo de modo de comunicação que não esteja inserido nestes ‘avanços’ tecnológicos.

Tais meios de comunicação proporcionam transformações que pulsam intensamente sobre questões de comunicação/interação nunca antes experimentadas pelas sociedades anteriores. “Mantendo as diferenças podemos dizer que assim como a criação da máquina a vapor, incremento tecnológico inicial e recurso que possibilitou a Revolução Industrial, têm-se nos recursos tecnológicos e nos meios de telecomunicação uma nova revolução” (CASTELLS, 1999), que possibilita ao homem de hoje interagir com seus pares da forma intensa tal como interage em suas mais distintas formas. Sua “extensão atual do desejo de relatar – de modo constante e voluntário. Tudo isso realizado a toda hora por milhões de pessoas, às quais não incomoda o fato de estarem sempre localizáveis e disponíveis para contato” (SIBILIA, 2012 p. 175). Ao que parece, há uma vontade de comunicar-se, comunicar algo. Informar. Estar informado. Mas, não obstante é preciso que repensemos nosso modo de estar em sociedade. É preciso refletir sobre questões político-conceituais, estéticas e filosóficas que nascem sob a égide capitalista vigente.

O clique. Uma. Duas. Três vezes, e assim sucessivamente. Uma. Duas. Três ou mais horas sob a luz intensa do monitor. Frenética ou calmamente. Algo quase que instantâneo. Temos em nossa frente o simples comando ‘enviar’, ‘minimizar’, ‘fechar’. ‘Salvar’. ‘Não salvar’. ‘Cancelar’. Janela a janela, mundos se fecham, portas se abrem, possibilidades surgem. Textos se vão, se esvaem. Navegam na rede, no emaranhado de outros tantos. Surfam na onda, que se avoluma a cada instante. Tsunami de informações. “Esta é a era da informação. A época das opiniões sobre tudo. Mesmo que sejam vazias. Esta é a época em que todos opinam sobre tudo” (LARROSA, 2002). Futebol, política, religião, sexo, violência, e... e... e... existe um oceano de possibilidades entre esta “conjunção que possibilita se propagar entre, por dentro, recostando-se nas laterais, rasgando-se por meio dos verbos e atravessando-os ao meio, formando rizomas” (DELEUZE, 1995), tal como grama que ocupa vastos territórios: “[...] a grama só existe entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela brota entre as outras coisas. A flor é bela, o repolho é útil, a tulipa endoidece. Mas a grama é transbordamento, é uma lição de moral” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 25). Não se sabe onde tem o início, o meio, ou o fim. Todos surgem em uma grande confusão. Mas estão ali, construindo-se; *reconstituindo-se*, produzindo algo novo, a partir de

algo que já foi. Existiu. O nada que surge carregado de lembranças de algo que durou. A experiência é a forma como o conhecimento transforma o homem e as sociedades.

Quase que no mesmo instante, em que derramamos um texto, seja via e-mail, e/ou sites sociais este texto se comunica com seu receptor intencional ou não, quase que instantaneamente. Dependendo do veículo que é utilizado às respostas são imediatas. Facilidades. Benefícios. Vantagens, ou não... Mas, nem sempre foi assim: desde tempos imemoriais temos na escrita um modo de nos relacionarmos com nossos pares. Inclusive com aqueles que estão longe. Data de 2.400 a.C. o início arranjado de distribuição/entrega de documentos escritos. Desde o povo Egípcio ao povo Maia, todos em seu tempo/modo tinham suas configurações de distribuição e entrega de avisos, mensagens, documentos, decretos, etc. em suas terras/domínios.

O surgimento dos primeiros mensageiros parte do Egito. Os faraós os usavam para distribuir suas informações. Contudo os persas foram os que aprimoraram tal serviço. Um dos serviços postais mais eficientes da antiguidade era o dos chineses. Os gregos possuíam os péssimos serviços. Os romanos criaram emaranhados de estradas (teias) eficientes para poder ter acesso, e distribuir as informações Cesarianas a todo seu vasto território conquistado<sup>1</sup>.

Jazemos na era da informação. “A informação não deixa lugar para a experiência, a informação não faz outra coisa que não cancelar nossas possibilidades de experiência” (LARROSA, 2002, p. 24). É por este motivo que esta escrita se constitui, a partir do método/pista cartográfico para abordar uma experiência interdisciplinar com estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma escola estadual no município de Pelotas RS, que se utilizou do exercício da confecção de cartas manuscritas para trocar experiências, conhecer outros estudantes, descobrir outros horizontes. Ao passo que, como pesquisador era preciso perceber os processos de subjetivação existentes em tais escritos, fazendo de tal modo uma análise textual dos mesmos, que, para além de prender-me somente nos escritos, tudo o que envolvia o processo de diagnóstico era ‘cartografado’. O local onde fazia tais análises, os envelopes, as cores, os cheiros, as pregnância que ocupavam tais materiais e me ocupavam.

É valioso ter em comunhão a ciência e a teoria, ambos aliados à prática possibilitando a constituição de um saber abrangente/compreensivo do sujeito que se estabelece com os seus e no meio no qual está inserido. É, a partir da experiência, seja ela individual e/ou coletiva

---

<sup>1</sup>Informações disponíveis no link. <<https://bit.ly/2qll8x6>> acessado em 15/05/15.

para sermos atravessados. Contextualizados com aquilo que se apreende com aquilo/aqueles com os quais nos relacionamos e convivemos. “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 21). Experiências reais as quais Larrosa traz em alguns de seus textos e que nos diz que são estas experiências reais que nos passa, que nos acontece, nos toca. (2002a).

Desta forma, e por isso, são puras as palavras que ali surgem em escritos de sala de aula. Há em seu hálito o sopro de outrem. Foram abertos os olhos e os ouvidos para se falar o que aconteceu (LARROSA, 2002b). O sujeito da experiência é um sujeito exposto. É o que se sabe, e não pura opinião. E de tal modo estes alunos experienciaram tal escrita. É necessário que a experiência passe por mim, me atravesse se contextualize na realidade em que se está inserido, aquilo que foi dito, experimentado, e como nos foi dito, como foi experimentado, e, portanto, produza sentido em mim. Se for informação advinda da fala de outros, sem existir a experiência na realidade daquele que apreende, consiste somente de informação. Não é minha experiência. Minha prática. Não vivi, não senti. E, “traduzir em palavras nossas próprias experiências com a arte, a política e a educação, para que cada um que as escuta com atenção contraste essas experiências com suas próprias experiências<sup>2</sup>” (LARROSA, 2015), produzindo ou não sentido, signos, sensações. Atravessando de algum modo aquele ser que se torna sensível a experiência.

### **Escrever: Uma forma de cuidado...**

Ao pensar a composição deste tecido-texto, teço teias; traio diálogos que surgem a partir de inquietações sobre encontros pertinentes à escrita. Ato/tarefa que sempre se revela arriscada. Iniciá-la é quiçá a parte mais complicada do processo. Organizar o caos do pensamento, encontrar as primeiras palavras, formar as primeiras frases, arranjá-las nas classes que regem as normas, conjunções conectando orações, artigos definindo ou não substantivos. Pares em um sistema alfabético/gramatical que se digladiam com as ideias. Ruminá-las, aceitá-las, dar-lhes luz. Carne ao verbo. Permitir que encontre som na voz, na palavra úmida que deixa prenhos os pulmões, que faz corpo e se faz sentir. Cria oscilações. Cria movimentos.

---

<sup>2</sup>Disponível em <<https://bit.ly/2vomxQc>> acessado em 15/05/15.

Escrever acontece a partir do encontro que se tece com a leitura, de encontros com outros corpos, orgânicos ou não, com nós mesmos. Escrever parece simples, mas, não é. É um esforço colossal. Escrever possui afinidade/parentesco/semelhança um avizinhar-se com oscilações, abalos, ondas, sopros de ar. É como areia no deserto bailando, é perseguir o vento. É como algo que ainda não se concluiu. Desejo de tecer tecidos; tramar, trair, transformar pensamento e ideia em palavra. Dar corpo ao que é incorpóreo. Corporificar o que faz furos na pele, *desacomoda*, *desestabiliza*.

Escrever é encontro, é devir, sempre por se fazer (DELEUZE, 1995). Escrever é *desconstrução* que ocorre de maneira singular, *construção* que se faz de forma sutil, nos *reconstruindo* com experiências. É movimento que revela pistas, deixa rastros/pegadas pelos quais se esgueiram desejos. Escrever é criar. Ligar pontos, pontas, pedaços, platôs onde flanamos/resistimos. O pensar é questão intrínseca/encrunchada no ato de se produzir a escrita. “Pensar [...] é um ato perigoso [...] é sempre seguir a linha de fuga do vôo da bruxa” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 58-59), por isso é tão difícil escrever, pois não se exercita pensamento; não nos colocamos sentados em vassouras para singrar os céus. Pensar faz movimentos, produz quedas e tais quedas algumas fraturas... Pensar dói.

Pensar a escrita encarna outros tons, e reverbera outras notas quando percebida/sentida como processo de formação que nos auxilia/possibilita inventar modos de existir, fictícios ou não. No ato de escrita que decorre de um encontro, deriva sentir as forças, que nos arrastam, nos repelem, cegam ou retiram véus, emudecem ou nos pedem expressão. Neste processo há a efetiva formação que ocorre enquanto tais caminhos são percorridos, “para aprender de verdad algo hay que hacerse presente en el aprender: en su marcha y en su dificultad. Hay que exponerse. Viajar a pie, no desde las alturas. Concentrar todos los sentidos en el camino que se recorre”. Bárcena (2012, p. 49). Saber conduzir a nau no mar agitado das palavras é navegar sem bússola, guiado por estrelas em noite de tempestade. Bárcena (2012, p. 66) nos diz que “podemos pensar la educación desde diferentes perspectivas y lenguajes”, pois, ao tratar da escrita como processo de formação em educação nos constituímos e somos interpelados pelas forças que habitam os acontecimentos.

Há silêncio na escrita quando as palavras se calam, e, é preciso saber ouvir este silêncio, “un cierto silencio. Pero um silencio que tiene que ver más bien com el acallamiento de un lenguaje inservible o, mejor, con la renuncia a un lenguaje envilecido” (LARROSA, 2003, p. 338). Imbricado no processo de formação este silêncio ocorre quando

estamos encanecidos, imersos no vazio de nossos casulos, como crisálidas, e não *revemos* nossas práticas, *repensamos* nossos encontros, os quais nos atravessam diariamente, acontecimentos que passeiam, esgueiram-se entre sombras, que deixamos escapar, como matéria de formação. “El acontecimiento es lo que llega, lo que viene por sorpresa y no se puede anticipar, ni planificar; es lo que irrumpe y rasga la continuidad de una determinada experiencia del tiempo”, (BÁRCENA, 2012, p. 69).

Um acontecimento pode nos colocar em contato conosco na medida em que cancela a linguagem ‘envelhecida’, habituada, com a qual nos referimos a nós mesmos. A escrita pode ser uma forma de oferecer trânsito a um acontecimento. Escrever encarna outra prática: ler. Ler as palavras, o mundo, os signos e a nós mesmos, “lê-se para se tornar alguma coisa, um perigo” (TERRA, 2012, p. 07) que espreeita nossas vontades. Um perigo de ser outrem.

Há experimentação na escrita e na educação, pois, quando a escrita investe outro processo que é a leitura, e vice e versa, temos estímulos, atravessamentos, rizomas<sup>3</sup> no conjurar sílabas e classes gramaticais, no planejar aulas; vogais e consoantes, professor e aluno, que deslizam uns sobre os outros, estudos e dúvidas possibilitando ideias, permitindo o ato, à vontade, que transita pelo pensamento, assim como ratos em tocas que deslizam uns sobre os outros (DELEUZE, 1995). Imagino o rizoma, como vermes que surgem em um corpo morto que se decompõem em algo novo, todos estão ali e não se sabe onde é o início, o meio ou o fim. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas...” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 04), e ao pensarmos processos de formação, não podemos precisar se a leitura ou a escrita impele ou acolhe um acontecimento, amalgamadas, ambas fazem parte desse processo que na cartografia, funciona a partir de agenciamentos. Agenciamentos formam territórios, “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323) possibilitando criar(-se) outro... Outro espaço de possibilidades, de ser, de estar...

A escrita cria linhas, pegadas de mundos visitados que deixamos para marcar nosso retorno à razão ou ao delírio. A escrita encarna outros personagens/criaturas, que nos povoam, e dão formas ao pensamento, nos levam além de onde fomos, (DELEUZE & GUATTARI,

---

<sup>3</sup> O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes... DELEUZE, G. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

2004). A escrita abre sulcos e cria rugas em nossa pele. Cria platôs por onde nos movemos, cria jardins movediços que se movimentam centímetro a centímetro, toda vez que plantamos uma palavra, Deleuze (1992, p. 176) diz que “o ato de escrever não tem outra motivação que não a de dar vida, de liberar a vida onde está aprisionada”. Não há escrita que esteja completamente concluída, sempre existirão reticências [...], verbos que poderão complementá-la, alterá-la, enriquecê-la, é um estar por fazer..., escrever autoriza a instruir-se com o próprio pensamento. “Escreve-se para se tornar alguma coisa, outro perigo” (TERRA, 2012, p. 07), que deixa escapar o que esta adormecida, que abre comptas e furir águas movimentar a mó e transformar...

A construção do pensamento pela palavra expressa gesto e movimento. Para Camargo (2010, p. 14) “ao imergir em páginas e páginas de leitura, abrem-se-nos possibilidades de um caudal de pensamentos que nunca se sabe onde vai dar... A esses modos relacionam-se questões para pensar em formação”.

Se aprende, o se puede aprender algo, cuando se lee un libro, del mismo modo que cuando estamos ante una manifestación artística – música, pintura, literatura, cine – o paseamos por la ciudad. Se aprende o se puede aprender. Hay en todos estos encuentros una potencia de aprendizaje. Esto significa algo nos pasa. (BÁRCENA, 2012, p. 47)

Quando a distância se torna a força que impele o desejo de proximidade, a força da grafia empresta sentido à palavra, ao mundo, e a carta aproxima o que não está junto, “a missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar a exercício pessoal. [...] A carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe”, (FOUCAULT, 1992, p. 135). O escritor/correspondente compartilha sua experiência ao leitor/correspondente, e vice-versa, e o faz transcorrer caminhos/paisagens e o provoca para outros olhares em um cenário que se mostra. “Escrever é, pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”, (FOUCAULT, 1992, p. 136). Escrever/ler é desejo, é força, é experimentar os encontros que ela, a escrita/leitura, tem para oferecer, é experimentar-se um perigo, tornar-se outro. Deixar atravessar-se como as margens de um rio que forçam sua passagem, por vezes com calma, outras vezes com atropelos e agressividade...

### **Terminações desta escrita**

O que se propõe ao tecer esta escrita, ao tramar as teias, as linhas destas palavras ao experimentar este tecido-texto, é tentar tessituras, trair diálogos que surgem a partir de inquietações sobre o ato da escrita, sobre as provocações que surgem e que fazem este professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador, que andarilha sempre a espreita, desejoso de linhas de fuga, pelas trilhas e sendas e alamedas e vias que surgem em meio ao processo de pesquisa cartográfico, e de seu fazer docente, a partir de um projeto de pesquisa que realiza no âmbito de sala de aula e que ganha/rompe fronteiras a partir de encontros que se fazem na vida deste que escreve e que reverberam possibilidades de criação.

Ao fazer este recorte ao ano de 2015, e revirar escritos e lembranças ao trabalho docente com um grupo de estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma escola Estadual no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS que produziram textos epistolares, cartas manuscritas, que aparecem como uma técnica de ensino vigoroso, com a proposta de mitigar obstáculos existentes no aprender deste conjunto de estudantes. Ofereço uma prática de ensino menor, uma prática que é feita no âmbito micro da educação constituída. A que é feita em sala de aula, e que se adéqua as dificuldades dos grupos que encontra, e que se utiliza dos recursos de que dispõe para tornar sua docência ‘plena’ em seus por menores...

Neste caso, portanto, a prática menor estabelecida foi a de escrita de cartas pessoais as quais, permitiu ,possibilitou trabalhar de um modo, onde o que interessou foram os movimentos de construção das atividades escritas, posteriores leituras; as discussões, os fatos de suas vidas, seus apontamentos, seus conhecimentos naturalizados que de modo algum foram descartados permitindo desta forma, que cada um dos envolvidos se constituísse a si mesmo, dando voz a suas palavras: permitindo que elas nasçam e se refiram a si próprios. É aqui que o menor se institui, e rompe com o estabelecido, com o que esta posto e condiciona modos de agir e pensar, pois, cria movimentos distintos com cada grupo que se propõe trabalhar. A escrita que parte da experiência de si aliada ao método cartográfico de pesquisa provoca a construção de um olhar, uma narrativa sobre suas vidas e como um guardião cego que lê com os olhos da alma, as narrativas compostas na solidão das ideias. Um guardião cego que carrega consigo um claviculário que encerra signos, símbolos e sonhos...

A Escrita é ato/tarefa que sempre se revela arriscada que faz corpo e se faz sentir, cria oscilações e possibilita criar o pensar. Escrever é um ato perigoso, pois criar é arriscado, e o que menos se faz nos espaços de sala de aula é tornar este espaço um espaço de criação. Ao propor tal prática menor repenso minha docência. É aqui que possibilito transformar-me e provocar encontros com esses estudantes, e também questiono esta docência, pois, será que ao sair do quadro de giz, das práticas tradicionais de ensino-aprendizagem, inovo? Será que trago a possibilidade de escrita de modo efetivo, quando proponho a leitura de textos ‘reais’ a esse grupo de estudantes, escritos por pares, com os mesmos ‘erros’ com os quais eles estão acostumados a produzir os seus textos, com as mesmas dificuldades de interpretação que eles têm ao ler? Será que lhes possibilito um encontro consigo mesmos? Será que proporciono encontros em seu modo cotidiano de aprender? Será que possibilito uma experiência de escrita a partir de suas experiências?

Estas são questões que como fraturas expostas, as deixo para problematizarem...

## Referências

BÁRCENA, Fernando. El aprendiz Eterno. Filosofía, educación y el arte de vivir. Miño y Dávila Editores, Madrid. 2012.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Editora Martin Claret. São Paulo, 2005.

BENJAMIN, Walter. (1986) Parigi capitale del XIX secolo. Torino, Einaudi.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede; a era da informação: economia, sociedade e cultura, volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CÉSAR, Janaína Mariano. SILVA, Fabio Herbert da. BICALHA, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. Fractal, Ver. Psico., v.25 – n.2, p.357-372, Maio/ago. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200009&script=sci_arttext)> acessado em 17/05/2015.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_, G. Abecedário de Gilles Deleuze. PARNET, A. V. Produzido e realizado: Pierre-André Boutang, Éditions Montparnasse, Paris. 1996. Disponível em: <<http://www.docsppt.com/index.php?topic=16463.0>> Acessado em 12/11/15.

FERIGATO, Sabrina Helena. CARVALHO, Sérgio Resende. Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.15, n.38, p.663-75, jul./set. 2011.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v15n38/aop3411.pdf>> acessado em 17/06/2015.

FILHO, Kleber Prado. TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013. Disponível em: <<file:///D:/Usuario/Downloads/2471-15593-2-PB.pdf>> acessado em 17/06/2015.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. O que é um autor? Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992. p. 129-160. Disponível em: <[file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20\(1\).pdf](file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20(1).pdf)> acessado em 26/03/16.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. In: Dossiê Gilles Deleuze. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.27 n.2 p.169-178, jul./dez. 2002. Disponível em: <[https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/16652/mod\\_resource/content/1/Gallo\\_Em\\_torno\\_de\\_uma\\_educacao\\_menor.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/16652/mod_resource/content/1/Gallo_Em_torno_de_uma_educacao_menor.pdf)> acessado em 05/09/16.

GUATTARI, F.; ROLNIK S. 1996. Micropolítica: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes. 4ª ed.

HAESBAERT, Rogério. BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:-ApuUgDg4s4J:www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/74/72+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 10/06/15.

IANNI, Otávio. Teorias da globalização – 3ª edição – Editora Civilização Brasileira. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0Qv4XjSCihMJ:ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12896/7869/DESTERRITORIALIZACAO\\_\\_Onipresenca\\_na\\_Ciranda\\_Global.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0Qv4XjSCihMJ:ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12896/7869/DESTERRITORIALIZACAO__Onipresenca_na_Ciranda_Global.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)> acessado em 30/08/2015.

IONTA, Mariza. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Abr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2011000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100007)> acessado em 19/06/15.

JOYCE, William. Os fantásticos livros de Modesto Máximo/William Joyce. Tradução de Elvira Veiga. – Rio de Janeiro: Rocco Pequenos leitores, 2012. Tradução de: The fantastic flying books of Mr. Morris Lessmore.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, Nº 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> acessado em 15/05/15.

\_\_\_\_\_, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas/ texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5, Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

ORRÚ, Carla Maria dos Santos Ferraz. ANDRADE, Marieta Benedita de Paula. 15º Seminário de Pesquisas em Linguística Aplicada. A escrita de si e o caráter revelador da escrita em textos não verbais. 2009. (Seminário). Disponível em: <[http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes\\_orais/artigo/carla\\_maria\\_marieta\\_benedita.pdf](http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_orais/artigo/carla_maria_marieta_benedita.pdf)> acessado em 22/09/15.

POE, Edgar Allan. O corvo. The Raven. Editora Dark Side. Tradução Machado de Assis, Fernando Pessoa. Edição 2013. Ano da obra 1845. 50 pag.

\_\_\_\_\_. Edgar Allan. O homem da multidão. Ano 02 número 12 - fevereiro de 2005 Disponível em: < <http://www.bestiario.com.br/12.html> > acessado em 24/08/16.

SIBILIA, Paula. 1967 -. Redes e paredes: a escola em tempos de dispersão/ Paula Sibilia; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto. 2002.

TERRA, Marina Furtado. Espaço e educação: cartografia de singularidades em um bairro de Juiz de Fora – MG. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de mestrado do programa de pós-graduação em educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas da faculdade de educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1KRk06pSfckJ:www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Disserta%25C3%25A7%25C3%25A3oMarinaFurtadoTerra.pdf+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 02/06/15.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. A escrita nômade de Clarice Lispector. ALEGRAR nº04 - 2007 - ISSN 18085148. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/04/textos\\_A\\_04/03\\_escrita.pdf+%&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/04/textos_A_04/03_escrita.pdf+%&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br)> acessado em 09/06/15.

VILELA, Carolina. O que é um flâneur? Belo Horizonte – MG. 09 de mar 2009. Disponível em: <<http://caroltsy.blogspot.com.br/2009/03/o-que-e-flaneur-o-termo-flaneur-vem-do.html>> acessado em 02/10/16.